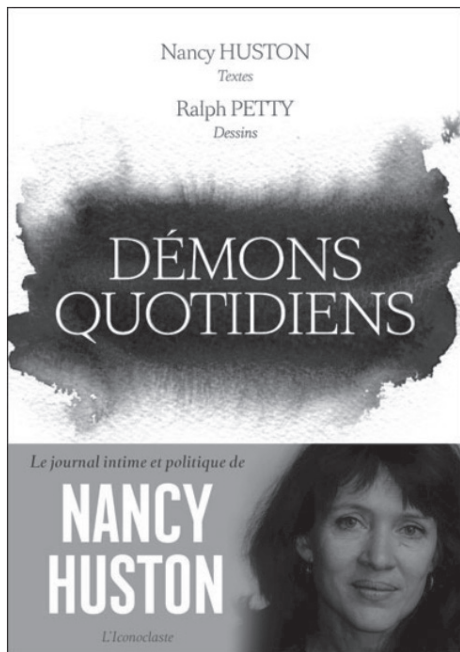


HUSTON, Nancy (Textos), PETTY, Ralph (Desenhos). *Démons quotidiens*. Paris: L'Iconoclaste, 2011. 405 p.

Nubia Hanciau – FURG



Dedicado à memória do escritor russo Romain Gary e do pintor espanhol Francisco de Goya, grandes espíritos em seus respectivos tempos, e “porque eles sabiam ver no escuro”, *Démons quotidiens* nasceu das afinidades entre a escritora Nancy Huston (1953) e o pintor Ralph Petty (1952). Ambos passaram a infância perto das Montanhas Rochosas, ela no norte, na Alberta, no Canadá, ele, alguns dois mil quilômetros mais ao sul, no Colorado, Estados Unidos. Os dois têm

mais ou menos a mesma idade; no sangue de ambos correm canções *country*; os dois têm a memória marcada pelo espírito *cowboy*; aproxima-os, ainda, o fato de viverem acompanhados por cônjuges expatriados, como eles, em Paris, há mais de 20 anos. Na apresentação que dá o tom e o sabor do conjunto de *Démons quotidiens*, Nancy Huston lembra que viu pela primeira vez os quadros de Ralph Petty no ano de 1998, em uma grande tela no Beaubourg. Um desses quadros chamou em especial sua atenção: a cena de uma passeata, a multidão em cólera e em movimento, “um clima” levemente assustado e assustador. Ao comentá-la, o pintor explica sua vontade de incluir na pintura essa ideia inacreditável: embora diluído na multidão, *cada* indivíduo tem uma família, contas a pagar, lembranças da infância..., reflexão que agrada Nancy Huston, pois ela se dá conta, graças à tela, do quanto é raro a pintura contemporânea, mesmo a figurativa, representar ao mesmo tempo mais de uma pessoa que fale do grupo, apesar de uma grande parte de nossa vida – trabalho, metrô, rua, quase

em toda parte – se passar em grupos. Nessa época Nancy Huston trabalhava em *Dolce agonia* (2001), romance que descreve justamente uma reunião de amigos para jantar, e trata de uma perturbadora “Última Ceia” no Dia de Ação de Graças. Ralph Petty fora convidado na ocasião para ornar a bela capa do livro. Além de pintar, ele ensina pintura na Universidade Americana de Paris, canta em inglês e francês, toca saxofone e harmônica, interpretando tanto músicas de repertório quanto de sua autoria. Criou o grupo *Ralph Trio* e gravou CDs. Alguns anos mais tarde Nancy Huston viu uma série de desenhos seus que a impressionaram: aquarelas produzidas em dez ou quinze minutos cada manhã, logo após a leitura dos jornais ou a escuta das notícias radiofônicas. A única regra que Ralph se impunha para produzir essas obras era não refletir, deixar a mão correr sem censurar. Nem ele mesmo, muitas vezes, compreendia o que havia deixado no papel, ao que denominou de *Notas do subterrâneo*; mas nunca expôs essas imagens sombrias, estranhas, ora assustadoras, ora desopilantes, muitas vezes perturbadoras. Para Nancy – que logo vê parentesco entre as *Notas do subterrâneo* e *Los Caprichos*, de Goya –, as imagens exploravam perfeitamente nosso “subterrâneo”, esse lugar

noturno, escondido, onde se justapõem e superpõem angústias, fantasmas, lembranças, mistérios, raivas e sonhos.

Passados alguns anos, na primavera de 2010, Nancy Huston levou a Sophie de Sivry uma amostra das aquarelas. A editora imediatamente teve a ideia de um livro a quatro mãos, um texto por dia que acompanharia as imagens, comentando-as, interpretando-as, completando-as. Assim, no espaço de um ano concretiza-se o “jornal íntimo e político” em duo. Nancy Huston lembra que esta expressão fora forjada pela escritora franco-argelina Leila Sebbar, para *Histoire d’Elles*, jornal feminista mensal para o qual Sebbar e Huston colaboraram durante os anos 1970. Nele, a cada mês, durante três anos, uma das mulheres da equipe responsabilizava-se por uma crônica que explorava a maneira como se imbricavam e entrecruzavam em seu íntimo os acontecimentos do mundo e de suas vidas privadas. Para Nancy, há efetivamente duas maneiras de se estar aquartelado entre o íntimo e o político: a primeira, sendo relativamente feliz na vida privada, enquanto perpetuamente chocado, escandalizado, transportado, indignado, horrorizado, culpado, desgostoso, desesperado e encurralado devido à impotência frente às notícias do mundo; a segunda, sentir-se perma-

nentemente angustiado, atormentado, frustrado, enraivecido, submisso aos demônios íntimos, enquanto se vive e se exerce o trabalho escolhido no seio de um casal estável e de uma família amorosa, em meio privilegiado, em um dos países mais ricos e democráticos do planeta. Embora a exploração de nó tão intrincado esteja no âmago de seu trabalho de romancista, em *Démons quotidiens*, entretanto, onde se evoca a “vida como ela é” em primeira pessoa, a tarefa não é fácil. Para Ralph Petty e a autora, o desafio representado constituiu-se em renunciar às atitudes extremas, sempre empobrecedoras. Durante o ano 2010-2011, em um primeiro momento cada um trabalhou do seu lado, ouvindo notícias do mundo exterior e interior, enviando ao outro semanalmente o resultado desse trabalho. Depois, Nancy enviava a Ralph os textos sobre seus desenhos que considerava “falantes”; inversamente, ele desenhava, inspirado em textos dela que julgava “imagísticos”. Numerosas coincidências e convergências da atualidade, o perfeito entendimento são apresentados, então, ao leitor em *Démons quotidiens*, livro que não pretende reunir comentários do que se passou naquele ano, sublinha a escritora, mas representa a tentativa em comum de explorar o paradoxo que cada um ge-

rencia como pode, a saber: somos indivíduos, mas não podemos viver sem os outros e graças aos outros, em um mundo construído pelos outros, para o melhor e para o pior. O melhor pode ser genial, o pior pode ser o inferno na Terra. Impossível é colocá-los na balança, pela simples razão de que ninguém está aí para segurá-la. Diz Nancy Huston ao final de seu *Avant propos*: é uma banalidade dizer que a beleza é impotente frente ao sofrimento – mas não é razão para deixar o sofrimento devorar a beleza. Assim, no lugar de confirmar o velho adágio *Pas de nouvelles, bonnes nouvelles* (Se não há notícias, as notícias são boas), as boas notícias mereceriam às vezes ser também ditas. Se a infelicidade incontestavelmente existe – dentro e fora –, nada impede que a felicidade também exista, dentro e fora.

Assim, durante aquele ano foram produzidas 140 múltiplas histórias da atualidade, de 15 ou 20 linhas, uns 15 textos por mês, evocando todo tipo de situação, da vida pública ou privada, histórias engraçadas ou surpreendentes, emocionantes, picantes e maliciosas, que se unem umas às outras intercaladas pelas aquarelas, que nos fazem rir ou nos deixam perplexos. Página após página, N. Huston evoca neste recente livro¹, com inteligência e fine-

za – e sua característica lucidez mordaz –, o que lhe inspiram o tremor de terra no Japão, as areias betuminosas da Alberta, a queda de Bin Laden, o câncer do seio, os discursos dos políticos, a irracionalidade dos homens, o seu olhar às mulheres, os cremes de beleza, sua depressão depois de ter visto o filme *A rede social...*, assuntos vários, direções infinitas... Cabe, antes de ler e desvendar nossos “demônios quotidianos”, lembrar Tzvetan Todorov, companheiro de Nancy e, como ela, trãnsfuga em

Paris há algumas décadas, quando ele diz: “Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou *só aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim” (*A descoberta da América: a questão do outro*, 2011, p. 3).

Notas

¹ Em 2011, *Edmund Alleyn ou le détachement* (Leméac/Simon Blais); em 2012, *Reflets dans un oeil d’homme*. Arles: Actes Sud, 250 p., suas mais recentes publicações.